

Formação Inicial "Aprender Juntos" e "Além da Escola"
Recuperação diferenciada por níveis de aprendizagem do 3º ao 6º ano do ensino
fundamental

10 e 11 de fevereiro de 2022

Apresentação do projeto e de seus desdobramentos – no auditório (slides 6 ao 55)

Orientação ao formador(a)

Durante a apresentação do projeto "Aprender Juntos" e de seus desdobramentos é preciso salientar os seguintes aspectos:

- justificativa, pontuando o impacto da pandemia sobre as aprendizagens. (slide 08 ao 13)
- quais são os programas e projetos para a recuperação das aprendizagens, desde 2019, na rede estadual. (slide 16)
- as intervenções mais efetivas para a recuperação das aprendizagens, de acordo com pesquisas internacionais. As intervenções focadas no ensino de acordo com níveis de aprendizagem estão entre as mais custo-efetivas, junto com materiais estruturados com formação e monitoramento. (slide 17 e 18)
- inspirações encontradas na própria rede estadual para a criação do projeto "Aprender juntos": Projeto "Dia diferente" da EE A Hebraica (Anos Iniciais) e a ação de recuperação desenvolvida, nos Anos Iniciais e Finais, na EE Maria Aparecida Veríssimo. (slide 20)
- objetivo geral dos projetos "Aprender Juntos" e "Além da Escola" (slide 24)
- cronograma de implementação do projeto "Aprender Juntos". (slide 25)
- resultados positivos alcançados pelo projeto-piloto, implementado em outubro de 2021. Eles mostram que, apesar do pouco tempo de implementação nas escolas-piloto (um bimestre) houve um avanço significativo das aprendizagens, no que se refere à aquisição dos sistema de escrita alfabético. (slide 26)
- modelos a serem testados dos projetos "Aprender Juntos" e "Além da Escola". (slides 27 e 28)
- eixos do Projeto Aprender Juntos e seus elementos transversais (slides 29 e 30)
- diferentes instrumentos de avaliação podem e devem ser utilizados para reagrupar os estudantes (slide 31)
- o apoio da Plataforma Khan Academy, como ferramenta para avaliação e planejamento e de realização de atividades (slide 79);
- as possibilidades de reagrupamento dos alunos dos anos iniciais e finais (slides 33 ao 37 e slides 38 e 39);



- a importância de oferecer atividades personalizadas, diferenciadas de acordo com as necessidades de aprendizagem de cada (re)agrupamento, no âmbito do projeto e os materiais ofertados pela Seduc para esse fim; (slide 39 e 41)
- formação integrada ao projeto de Recuperação e Aprofundamento, acompanhamento... (slide 42)
- a formação inicial antes do início do projeto (presencial) e a formação continuada a todos professores: remota via CMSP e presencial (na DE e, ou na própria escola) - (slide 43)
- o apoio e o acompanhamento das Diretorias, das Secretarias Municipais e da Seduc ao projeto (slides 45 e 46)
- articulação PRA e Aprender Juntos. (slide 50)
- momentos formativos dos anos iniciais, finais e ensino médio (slides 51 ao 53)
- cronograma integrado. (slide 54)

Compartilhamento de práticas – no auditório (Diretora da EE A Hebraica) (slides 55 a 65)

Como agrupar e reagrupar os estudantes – no auditório (slides 66 a 78)

Orientação ao formador(a)

No que se refere à ação de agrupar e reagrupar os estudantes é preciso considerar os seguintes aspectos:

- a diferença entre **reagrupamentos** (organização dos estudantes de acordo com necessidades próximas de aprendizagem) e **agrupamentos produtivos** (estratégia didática adotada, particularmente, nos anos iniciais, para o trabalho com a aquisição do sistema de escrita alfabético, ainda que possa ser utilizada em qualquer situação de aprendizagem). Ambas as práticas estão baseadas em princípios construtivistas, segundo os quais o sujeito aprendente adquire conhecimentos por sucessivas aproximações e na interação com outro. Tanto o reagrupar os estudantes como a adoção da estratégia de organizar a sala em agrupamentos produtivos auxilia a atuação docente nos processos de alfabetização e no letramento matemático.
- as vantagens de reagrupar os estudantes para a melhoria das aprendizagens;
- apresentar modelos de agrupamentos, salientando que a escola, para optar por um modelo, deverá considerar: diferentes instrumentos de avaliação, o objeto do conhecimentos (ex. SEA, compreensão leitora, domínio da resolução de problemas do campo aditivo, etc.) e sua realidade (número de alunos e turmas, o envolvimento dos professores, o dia da semana mais propício para o agrupamento etc.).

Atividades 1, 2, 3 e 4 - Período da tarde (10/02/22), nas seis salas

Atividade 1 - Leitura inicial – Daniel Pennac “Diário de Escola” (Slides 84 e 85)

Daniel Pennac – Diário de Escola - Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pg. 17 a 20 (**Texto - ANEXO 1**)



Todos recebem uma cópia do texto para acompanhar a leitura que será feita por um dos formadores ou o texto poderá ser reproduzido na tela do computador.

Orientações ao formador(a)

O principal objetivo dessa atividade é refletir sobre o impacto dos prejuízos à aprendizagem, no contexto da pandemia, nos nossos estudantes (questões sociemocionais) e também tematizar sobre como isso pode impactar na aprendizagem.

Antes da leitura é importante falar do contexto de produção do texto: quem é o autor, quando escreveu, o porque escreveu a obra etc. A leitura deverá ser feita pelo formador(a), com o texto e, ou o livro em mãos.

Ao final da leitura, solicitar depoimento dos professores sobre o quanto as dificuldades de aprendizagem podem impactar a vida de uma pessoa. Esses depoimentos podem ser de si mesmos ou de pessoas conhecidas. Caso o formador tenha um relato sobre isso é aconselhável que se coloque. É importante, também, mostrar que as dificuldades de aprendizagem vão se acentuando, no decorrer dos anos.

Um outro aspecto que pode ser tratado é a relevância do acolhimento aos estudantes com dificuldades de aprendizagem, considerando as questões socioemocionais, pois muitos desses estudantes se sentem paralisados e acreditam da sua incapacidade de aprender. É preciso portanto mobilizá-los para uma situação diferente de quem acredita na sua capacidade de aprender, de quem se envolve no processo de aprendizagem etc.

Biografia de Daniel Pennac - Nasceu em Casablanca, em 1944, e é hoje considerado um dos mais importantes e populares autores da literatura francesa. Nessa obra, o Diário da escola ele retrata, com fina ironia, os conflitos vivenciados pelos estudantes com dificuldade de aprendizado. Estigmatizados por seus próprios pais e mestres, esses jovens, ele afirma, logo cedo acreditam que o futuro será apenas e tão-somente uma extensão de seu fracasso escolar. Prisioneiros de um presente perpétuo, crianças e adolescentes vagam pelos corredores das escolas da França e de todo o mundo, com o orgulho ferido e a vergonha estampada no rosto, sem forças ou ajuda para desmentir o seu destino. Ao mesmo tempo, ele faz uma declaração de amor ao magistério e homenageia os grandes professores que lhe salvaram a vida, retratando os conflitos vivenciados pelos alunos com dificuldade de aprendizado. Consciente de suas dificuldades em sala de aula durante a infância e a adolescência, Pennac apresenta aos leitores uma abordagem original que pouco se trata em livros pedagógicos: a dor e a solidão do estudante que, como o próprio autor, obteve baixo rendimento ao longo da vida escolar. Ganhador do Prix Renaudot 2007, Diário de escola mescla impressões pessoais com reflexões sobre pedagogia para apresentar o universo escolar pelo viés do estudante.

Atividade 2 - Leitura compartilhada e articulação com texto de divulgação científica (slides 87 a 145)



Orientações ao formador(a)

O principal objetivo dessa atividade é modelizar uma estratégia, uma modalidade de leitura que propicia o desenvolvimento da capacidade de compreensão. Por meio dessa estratégia, o professor torna observável ao estudante como age um leitor proficiente, inferindo informações, levantando hipóteses, antecipando o conteúdo etc. Essa modelização deve ser seguida pela tematização da própria prática, para que os professores reflitam sobre as condições didáticas que devem ser garantidas durante a leitura e as capacidades que ela tem potencial para desenvolver.

Anexo a esse documento há um texto que trata sobre a Leitura Compartilhada - Ensinando a ler, enquanto se lê: a leitura colaborativa¹. Sua leitura, antes da formação, é imprescindível para o formador(a).

O que as crianças aprendem (slide 142)

Em especial, as capacidades de compreensão leitora, como a inferência (de palavras, expressões e informações); identificar mecanismos de substituições lexicais, finalidade do texto, contexto de produção do texto etc.

Estratégias de leitura, como a antecipação e a verificação.

Amplia o conhecimento de mundo do aluno, em diferentes áreas do conhecimento. Além disso, instiga a curiosidade do educando. Pode-se também trabalhar a intertextualidade e, ou outras linguagens.

Condições didáticas (slides 143 ao 145)

- a) Texto adequado para as capacidades / habilidades tematizadas. Há uma intencionalidade. Se desejo articular linguagem verbal e não verbal, escolheríamos uma charge, um quadrinho etc.
- b) O professor reproduz o texto utilizando recursos que possibilitem que a leitura possa ser realizada por toda a classe, em conjunto e aos poucos (pode-se, por exemplo, utilizar um cartaz afixado na classe, no qual o texto esteja coberto por uma tira de papel, que vai sendo baixada e movimentada à medida que a leitura vai sendo realizada; pode-se utilizar um retroprojeto; um *datashow*, ou outros recursos.).
- c) O professor vai apresentando as perguntas, tematizando as respostas, procurando solicitar dos estudantes que expliquem de que maneira conseguiram chegar àquela resposta (pistas explícitas ou implícitas no texto, conhecimento prévio).
- d) Enquanto vai realizando a atividade vai, ao mesmo tempo, analisando o desempenho de cada estudante, de modo que possa avaliar a adequação da atividade em relação às expectativas de aprendizagem colocadas.

¹ Este texto é parte (pp. 98-104) do documento Língua Portuguesa: orientações para o professor, Saeb/Prova Brasil, 4ª série/5º ano, ensino fundamental, publicado pelo INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Brasília), em 2009. (ANEXO 1)



- e) Antes da leitura – tratar somente do título para que infiram o gênero. Em seguida, contextualizar a obra (autor, sua vida e outras obra escritas).
- f) Ao terminar a leitura, fazer a articulação da leitura do texto com outros textos e linguagens (musical, poética, imagética...) – vídeo, texto de divulgação científica.

Obs. No final, todos PCNP receberão uma cópia da leitura compartilhada, com as capacidades tematizadas. O formador poderá, inclusive, utilizar esse documento para sistematizar as discussões.

O texto que retrata as Novas profissões contribui para articular diferentes linguagens e conhecimentos de outras áreas. Incentive a participação e a réplica com referência ao que for lido e comentado. Afinal quem conheceu essas profissões? Muitos podem ter conhecido o leiteiro, a telefonista, o lanterninha etc. Incentive-os a falar de outras profissões que conheceram e que hoje não existem mais.

As imagens das antigas profissões mostram, no slide 135, as fiandeiras – quadro de Velásquez, o motorneiro ou condutor de bonde, duas imagens com despertadores humanos (a mulher com uma zarabatana que atirava pedras nas janelas das pessoas e um homem que utilizava uma vara para despertar as pessoas – slide 136). No slide 138, temos o lanterninha de cinema, a telefonista, os arrumadores de pinos de boliche e o leiteiro.

Para saber mais acesse o link: <https://universoretro.com.br/de-telefonista-a-despertador-humano-conheca-11-profissoes-antigas-que-nao-existem-mais/>

Um texto da obra **Empreendedorismo e Projeto de vida – 6º ano (FTD)** de Leo Fraiman será disponibilizado para leitura. (páginas 139 a 141)

PAUTA PARA LEITURA COLABORATIVA (OU COMPARTILHADA)

Texto: João das Letras

Autora: Regina Rennó

QUESTÕES PARA SEREM FEITAS ANTES DA LEITURA DO TEXTO

QUESTÕES	CAPACIDADES TEMATIZADAS
<ul style="list-style-type: none"> • Agora vou ler para vocês um texto que se intitula “João das Letras”. Com esse título, de que vocês acham que tratará o texto? Ao que nos remete esse título (focalizar as palavras, buscando o significado ex. a palavra “das” – preposição de + artigo a - aponta para uma relação de posse Podemos exemplificar “Casa da Luísa”: “Livro da Maria” etc.). Vocês acreditam que esse texto pode ser um conto de fadas, um texto de divulgação científica, biografia, notícia, diário ou uma fábula? Por quê? • Mais uma informação: o texto foi escrito por Regina Rennó. Vocês sabem que tipo de texto ela costuma escrever? E que assuntos costuma abordar nesses textos? Vocês sabiam que ela escreve textos infanto-juvenis? (estabelecer relações entre este texto e outros que, eventualmente, os estudantes tenham lido, 	<ul style="list-style-type: none"> • Recuperação do contexto de produção do texto (autor, finalidade, local de circulação...). • Realização de antecipações acerca do conteúdo do texto, do modo de organização do texto, do tratamento a ser dado às informações, por meio da ativação de repertório do aluno sobre os aspectos tematizados e conhecimento



que sejam do mesmo gênero, do mesmo autor, p.e.). Nesse momento, o formador pode falar do contexto de produção do texto (autor, biografia, curiosidades sobre a obra etc.)

- Bom, esse texto é um conto. Considerando isso, alguma coisa muda nessa ideia a respeito de sobre o que o texto tratará? O que seria um João das Letras, em um conto? Importante acolher as hipóteses dos professores para que, posteriormente, no decorrer da leitura, elas sejam confirmadas ou não a partir de elementos levantados do texto.

sobre a autora.

Durante toda a leitura a linguagem verbal deverá ser articulada com a linguagem não-verbal, pela observação das imagens, das cores, dos gestos das personagens, das luzes, das sombras, a posição das personagens (nas ruas, nas janelas, no trabalho) etc.

QUESTÕES PARA SEREM FEITAS DURANTE A LEITURA PROGRESSIVA DO TEXTO

A cada pergunta feita e resposta dada, solicitar dos alunos que justifiquem essa resposta apontando no texto trechos que permitiram a ele responder como fez. É importante focalizar os recursos linguísticos que permitiram as inferências e antecipações realizadas.

Capacidades de Leitura priorizadas: realização de inferências e antecipações; articulação entre trechos do texto para realização de reconstrução de informação semântica.

João das Letras

Regina Rennó

Um lápis de ponta fina como agulha de injeção deslizava entre os longos dedos da mão ossuda, ao balanço leve de um esguio braço bem encaixado no ombro ereto de João. João das Letras, foi assim que passou a ser chamado.

João acordava cedo, abria a janela, acendia os olhos redondos e castanhos, enchia os pulmões, abria os ouvidos para sentir a música do dia. Cada dia tinha a sua melodia e a sua cor, que o cheiro trazia. Cor de tempo morno, cheiro de dia frio, tom de vento uivante, de sol escaldante e até cor de nada interessante.

PAUSAS /QUESTÕES:

- Vocês sabem o porquê João passou a ser chamado de João das Letras? (Hipóteses: é professor, jornalista, pessoa que vive lendo e escrevendo, alguém que trabalha em um escritório, escritor etc.)
- O que é esguio? Longo, magro... (é preciso que o leitor infira esse significado a partir do texto)
- Por que a autora utiliza as expressões: João "acendia os olhos", "sentia a música" e "o cheiro trazia melodia"; "cor de tempo morno"; "cheiro de dia frio"; "vento uivante"? Que impressões elas nos trazem? São figuras de linguagem que nos remetem a uma escrita sofisticada e intencional e ao mundo da imaginação. As figuras de linguagem tornam as palavras mais expressivas. São típicas dos textos literários. Acender os olhos significa dar luz a eles, abrir os ouvidos, estar atento a tudo ao seu redor, o personagem tinha todos os seus sentidos aguçados, despertados. A principal figura de linguagem é a sinestesia (ligada ao uso dos diferentes sentidos, sensações que se misturam – visão/tato/paladar – cor/tempo morno; olfato/paladar/tato – cheiro/ dia frio; audição/visão/tato – tom/ sol escaldante etc. **Uivante – adjetivo de dois gêneros - Aquele que uiva, grita, faz chamados.**

Capacidades Tematizadas/Habilidades: antecipação de informações; de efeitos de sentido produzidos em textos literários, pela exploração de recursos linguísticos, sentido conotado de uma palavra ou expressão, recursos semânticos etc.

José sapateiro, Pedro contador, Manuel padeiro, Evangelista motorista, Joana professora, Maria secretária, Ana jornalista, Raul dentista e muitos outros passavam por ali.

Dona Glória, na volta do mercado, não conseguia passar sem um palpite deixar:

- João, vai trabalhar!

Manuel sempre dizia:



- Te ensino a fazer pão, passa lá na padaria!

Contador:

- Um, dois, três, vai trabalhar, freguês!

Cada palavra escrita era pinçada com a mão, tirada do fundo da alma de quem enxergava a vida com olhos do coração.

Dona Zefa, inconformada, desfiava sempre a mesma falação:

- Se ao menos moça fosse, eu poderia ensinar o ofício de fazer doce.

João respondia com toda mansidão:

PAUSAS/QUESTÕES

- Nesse parágrafo ("José sapateiro...") todos têm um sobrenome que nos remete ao quê?
Ao trabalho, às profissões que cada um exercia.
- É interessante observar que o João se liga ao nome com uma palavra (das) que indica posse, já os demais personagens não têm posse do que fazem, não tem um dos pães, dos sapatos, do ensino etc. O que isso pode significar? **É como se eles não fossem tão entendedores assim do que fazem e da importância do que fazem a não ser pelo fator monetário.**
- Por que Dona Glória e o contador dizem "vai trabalhar" para João? Será que João não tinha uma profissão? **Colher as hipóteses para verificar no texto, ao longo da leitura se se confirmam ou não.**
- Qual profissão será a de João já que ele enxerga a vida com os olhos do coração?
Observar o recurso utilizado no texto: a intencionalidade da autora (narradora) ao falar de João e na fala das personagens.
- Ao observar as imagens e o texto, vocês acreditam que a cidade em que acontecem os fatos é pequena ou grande? **Cidade pequena (padeiro leva o pão, casas térreas com vasos de flores na janela, todos se conheciam e comentavam sobre João...)**
- O que você pensa da fala de Dona Zefa?
- O que será que João vai responder? Será que vai concordar com Dona Zefa?

Capacidades Tematizadas/Habilidades:

Retomada de trecho anteriormente lido, estabelecendo comparações com o novo trecho e articulando-os, de modo a reconstruir informações semânticas, inferência etc. Antecipações. Apreciação e réplica.

- Mesmo moça não sendo, aceitaria de bom grado se me sobrasse um tempo.

- Ara, ara, que tempo é esse? Tempo não tenho eu, que passo os dias colando meia-sola nos sapatos de quem na vida labuta.

O sol descia cansado por detrás das casas frias. Aos poucos, a luz pequena por trás das vidraças deixava vazar um resto de conversa ou cheiro de leite e canela.

João mantinha acesa a lâmpada do pensamento. As palavras jorravam feito água de bica e, no papel cor de palha seca, ordenavam-se como desenho de letras ou coisa dita.

PAUSAS/QUESTÕES

- Quem disse a frase: "ara, ara, tempo..."? **José o sapateiro**
- O que significa "ara, ara..."? **Ora, pois... expressão que tem o significado de indignação. É um falar caipira (ara, ara...)**
- O que significa labutar? Por que o sapateiro usa essa expressão "labuta", ao invés de "trabalha"? **A expressão labutar dá ênfase ao trabalho com esforço, luta etc...**
- O que a autora quis dizer com a expressão "João mantinha acesa a lâmpada do pensamento"? **A lâmpada, até mesmo nos quadrinhos está associada à ideia, ao pensamento criativo...**
- E a expressão "as palavras jorravam.... no papel..."?
- É interessante observar a diferença entre o que acontecia nas casas dos profissionais da cidade e na de João.

Nas casas da cidade

Na casa de João

Sol descia cansado	João mantinha acesa a lâmpada
Luz pequena	Lâmpada do pensamento
Resto de conversa	Palavras jorravam
vazava	jorravam

Capacidades tematizadas/habilidades: Inferências, identificação de marcas de variação linguística, de efeitos de sentido produzidos em textos literários, pela exploração de recursos linguísticos, sentido conotado de uma palavra ou expressão, recursos semânticos etc.

Altas horas, a ponta de grafite, dentro do absoluto silêncio, era como um trem de ferro percorrendo as linhas curvas do mundo.

Vem o sono sorrateiro, à espreita, sem aviso. Sobre o travesseiro de letras, deita a cabeça João.

Chega o dia e com ele a romaria de quem cedo madruga. Dona Ofélia costureira vai buscar carretel na venda. Seu Raimundo jardineiro passa a vista nos canteiros. Dona Clara cozinheira vai buscar peixe na feira.

Dona Glória, ao passar, tem que um palpite deixar:

- João vida mansa, João vida mole, nem a janela abriu. Todo mundo na labuta e ele, quem é que viu?

PAUSAS/QUESTÕES

a) Por que você acha que a ponta de grafite é comparada a um trem de ferro? **Levantar as impressões: quem escreve percorre o mundo; o próprio ato da escrita...**

b) Como João é visto pela população da cidade? Por quê? **O folgado, vida mole, não trabalho..., pois para a população da cidade quem lida com as letras não faz nada. Há um preconceito claro com aquele que lida com a palavra.**

Capacidades Tematizadas/habilidades:

Realização de inferências e articulação entre trechos do texto, de modo a construir informações semânticas. Identificar efeitos de sentido produzidos em textos literários, pela exploração de recursos linguísticos.

Por volta do meio-dia, encosta no meio-fio carro preto bem lustroso. Desce dele senhor garboso, bem-vestido, bem calçado, com ar de homem abastado.

Seu Manuel se apressa em oferecer: broa de milho, rosca doce, brevidade, pão de mel.

Seu José estufa o peito e diz:

- Meia-sola igual à minha só é vista em Paris.

Dona Ofélia traz a fita.

Quer já tirar as medidas? Camisa de colarinho é minha especialidade, não há melhor do que a minha em toda essa cidade.

Dona Zefa desfia:

- Fios de ovos, baba de moça, bem-casado, olho de sogra, brigadeiro, não há mais gostosos que meus doces por esse mundo inteiro.

PAUSAS/QUESTÕES

a) O que é garboso? **Elegante, demonstra educação, perfeição... é possível a inferência pela leitura do parágrafo em geral.**

b) Qual a reação da população com a chegada do senhor garboso? Por quê? **Cada um quer oferecer os seus serviços para ter lucros. Era um comprador em potencial.**

c) O que demonstra o ato do Seu José de estufar o peito? **Ele terá orgulhoso do que fazia. Na sua fala é possível inferir isso.**

d) Vocês acreditam que o senhor garboso vai aceitar o oferecimento de um deles (Manuel, José, Zefa e, ou Ofélia)? O que será que ele veio fazer na cidade? **Ouvir as impressões.**

Capacidades Tematizadas:

Realização de inferências e antecipações; articulação entre trechos do texto, de modo a construir informações semânticas. Identificação de sentido conotado de uma palavra ou expressão, recursos semânticos etc.

- Obrigado - diz o senhor. - Não tenho tempo a perder. Alguém pode me informar onde mora um tal João?

Ora essa, que ironia. Perder tempo não pode. Mas vai atrás de quem nada faz?

Dona Glória estica o dedo e aponta a casa.

João abre a porta e do lado de fora já é tudo confusão.

Chega também dona Dita, e o Raul com boticão. Evangelista para o carro, seu Raimundo para a poda. Maria põe a cara na janela e quem mais ia passando chega para assuntar.

Do lado de fora nada se ouvia e a agonia na rua crescia. Como é que pode tal coisa? O que quer tão nobre homem com um pobre-diabo folgado?

PAUSAS/QUESTÕES

- Por que vocês acham que o senhor acha que é perda de tempo parar para ver e comprar produtos oferecidos? É possível inferir que o senhor garboso considera que não tem tempo a perder com coisas que talvez considera futilidade: doces, pães, roupas..., naquele momento, pois tem algo de maior valor para tratar.
- Como a confusão pode ser percebida no texto? A autora descreve várias ações simultâneas no mesmo parágrafo (Chega.... para assuntar)
- O que é assuntar? Prestar atenção, observar, reparar... é importante que o leitor perceba pela leitura, no texto, esse significado, pelo próprio contexto. A personagem Maria, por exemplo, põe a cara na janela, pois estava curiosa.

Capacidades Tematizadas:

Realização de inferências; articulação entre trechos do texto, de modo a construir informações semânticas. Identificação de sentido conotado de uma palavra ou expressão, de recursos semânticos, de efeitos de sentido produzidos em textos literários, pela exploração de recursos linguísticos etc.

Lá pelas tantas do dia, sai o homem carregado de um fardo de papel. O carro lustroso parte em arrancada.

- João, esse dinheiro todo que tens na mão é quanto te pagou o homem por um fardo de papel?

- Meus doces são mais valiosos.

- O que há neles que vale mais que minhas solas?

- Meu pão é de massa especial, não pode custar menos que um punhado de papel.

- Minhas camisas de colarinho valem mais que um papelzinho.

- Diga, então: qual é a explicação?

- O que será esse fardo de papel? Hipóteses: documentos, anotações de um detetive, um livro....
- Qual a reação dos moradores da cidade? Indignação.
- Qual o recurso que a escritora utiliza para marcar a indignação dos moradores? O narrador "some" e os moradores falam seguidamente, ao mesmo tempo, apontando a indignação com o ocorrido.
- Qual será a explicação de João?

Capacidades Tematizadas/habilidades:

Realização de inferências e antecipações; articulação entre trechos do texto, de modo a construir informações semânticas. Identificação de efeitos de sentido produzidos em textos literários, pela exploração de recursos linguísticos.

Apresente ao final a resposta do personagem.

- Digo sem pressa. Lá dentro do pacote tem carruagem que voa, tem floresta encantada, tem menino que ri à toa, tem bruxa, princesa, fada, castelo de vidro e ferro, roca que tece ouro. Mentiras que são verdades, verdades que são mentiras. Palavras escolhidas a dedo com letras de A a Z. Meu ofício é fazer sonhar aquele que me vai ler.

a) Que profissão João descreve?

b) Você concorda com a descrição dada por João sobre o que faz um escritor?

Capacidades Tematizadas/habilidades:

Realização de inferências; articulação entre trechos do texto. Identificação de efeitos de sentido produzidos em textos literários, pela exploração de recursos linguísticos. Apreciação e réplica.

QUESTÕES PARA SEREM FEITAS DEPOIS DA LEITURA INTEGRAL DO TEXTO

QUESTÕES	CAPACIDADES TEMATIZADAS
<ul style="list-style-type: none">• Você considera que o título do texto está adequado? Explique.• O que você achou dos recursos linguísticos utilizados pela autora para descrever a profissão de um escritor? Por que ela faz isso? Explique.• Vocês gostaram da história?• Qual você acha que foi o objetivo da autora ao escrever essa obra?	<ul style="list-style-type: none">• Redução de informação semântica, por meio de generalização, identificando o tema/assunto do texto;• Articulação entre trechos do texto, reconstruindo informação semântica;• Realização de apreciação estética de recursos utilizados no texto.

Biografia Regina Rennó – o formador(a) deverá falar do autor (vida, obra, experiência etc.), após explorar o título da obra, para que infiram qual gênero será lido.

Regina Rennó / Itajubá - MG - Brasil (29/01/1955)

1975/1980 - Belo Horizonte MG - Curso de artes plásticas e artes gráficas pela Fundação Escola Guignard, especialização em modelagem e litografia

1976 - Passaredo MG - Participa do curso Análise Crítica da Arte com o professor Moacyr Laterza e Sônia Viegas

Biografia

Mineira, de Itajubá, é artista plástica, ilustradora, escritora, roteirista e diretora de cinema. Formada em Artes Plásticas pela Fundação Escola Guignard e em Cinema pela Escola Livre de Cinema de Belo Horizonte, tem 46 livros publicados, 22 narrativas de imagem. Conquistou vários prêmios, entre eles o Prêmio Fiat de Automóveis S/A – (Aquisitivo) Salão de Artes Plásticas do CEC- MG, Prêmio Proposta Multidisciplinar – Salão Do Carnaval – Palácio das Artes – Belo Horizonte, Prêmio (Aquisitivo) – Salão de Arte de Governador Valadares- MG, e várias indicações Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Em 1996 foi finalista do Prêmio Jabuti de Ilustração. Dentre seus livros, citam-se *Que planeta é esse*, *Gato de papel*, *História de amor*, *Como se fosse gente*, *Pê, o pato diferente* e *João das letras*. Os livros *História de amor* e *gato de papel* estão relacionados no catálogo Literature And The Family – USA. Já, os livros *Gatos de Papel* e *Pê, o pato diferente* são integrantes do catálogo O Livro Para Crianças no Brasil. No cinema, destaca-se sua participação nos curtas-metragens *Mulher de bronze* (como roteirista e diretora) e *O preço do sorriso* (roteirista e diretora). Também participou dos longas-metragens *Fora de ordem* (direção de arte) e *A luz dos olhos meus* (roteiro e direção).

Quem é Regina Rennó

Na infância, o que eu mais gostava de fazer era desenhar e ler livros de histórias ilustradas. Era meu desejo desenhar bem como os ilustradores e artistas plásticos que eu admirava. Estudei bastante para aprimorar meu traço e minha forma de construir imagens.

Além dos livros, adoro experimentar coisas novas no campo das artes visuais, do simples traço ao cinema.

Escrever foi um dos grandes desafios da minha vida, porque existem coisas que a gente pensa e que o desenho consegue contar sozinho, outras não, daí a necessidade de ampliar a minha forma de fazer livros para crianças, incluindo textos aos desenhos.

Quando penso nas palavras, elas já vem ilustradas no meu pensamento. E, quando penso na imagem, gosto de pensar que as crianças serão minhas parceiras, contando suas histórias a partir dos meus desenhos.

A inspiração para fazer meu trabalho de artes plásticas, literatura, cinema etc. vem de tudo que vejo, sinto e vivo. João das Letras também. Ser artista e viver da arte é um grande desafio. É muito agradável quando a gente sente que todos os sacrifícios e esforços nessa carreira valerem a pena. Dá até para escrever um livro como esse num momento de muita leveza.

Site da autora: <<http://reginarennoyahoo.com.br.artalista.com/>>

CONTRACAPA

Em uma cidadezinha, parece que todo mundo acorda cedo: José, Zefa, Manuel, Ofélia, Raimundo, Clara. Cada um com seu ofício: sapateiro, doceira, padeiro, costureira, jardineiro, cozinheira.

Todos fazem alguma coisa ou algum serviço: meia-sola, bem-casado, pão de mel, camisa de colarinho, poda, peixe.

E João das Letras, o que faz?

O que faz esse moço de braços esguios, mãos

Atividade 3 – Resolução de uma situação-problema – O quarto dos anões (slide 146)

Orientações ao formador(a)

Antes de apresentar a situação-problema, conte uma história contextualizando a situação. Essa história pode ser criada pelo formador(a), como, por exemplo, falar que o Mágico de Oz se revoltou contra os contos de fadas e os reescreveu e que agora, na História Branca de Neve, quem está perdido na floresta não é a Branca de Neve, mas sim os sete anões e que eles encontraram uma casinha para se refugiar e que precisam de ajuda para organizar suas caminhas no quarto em que vão dormir. Observe as diversas produções valorizando os desenhos e representações. É provável que alguns professores coloquem o nome dos anões, nas caminhas, de acordo com suas características.

Condições didáticas

Contextualizar a atividade com uma história. Isso contribui para o envolvimento das crianças.

Organizar os estudantes em dupla.

O que as crianças aprendem?

Habilidades da Formação Geral Básica.

(EF01MA12) Descrever a localização de pessoas e de objetos no espaço segundo um dado ponto de referência, compreendendo que, para a utilização de termos que se referem à posição, como direita, esquerda, em cima, em baixo, é necessário explicitar-se o referencial.

Objetos de conhecimento: Localização de objetos e de pessoas no espaço, utilizando diversos pontos de referência e vocabulário apropriado.

Unidade Temática: Geometria.

(EF02MA12) Identificar e registrar, em linguagem verbal ou não verbal, a localização e os deslocamentos de pessoas e de objetos no espaço, considerando mais de um ponto de referência, e indicar as mudanças de direção e de sentido.

Objetos de conhecimento: Localização e movimentação de pessoas e objetos no espaço, segundo pontos de referência, e indicação de mudanças de direção e sentido.

Unidade temática: Geometria.

(EF04MA16A) Descrever deslocamentos e localização de pessoas e de objetos no espaço, por meio de malhas quadriculadas e representações como desenhos, mapas, planta baixa e croquis, empregando termos como direita e esquerda, mudanças de direção e sentido.

Objetos de conhecimento: Localização e movimentação: pontos de referência, direção e sentido.

Unidade temática: Geometria

(EF04MA16B) Descrever, interpretar e representar a posição ou a movimentação, deslocamentos e localização de pessoas e de objetos no espaço, por meio de malhas quadriculadas e representações como desenhos, mapas, planta baixa e croquis, empregando termos como direita e esquerda, mudanças de direção e sentido, intersecção, transversais, paralelas e perpendiculares.

Objetos de conhecimento: Localização e movimentação: pontos de referência, direção e sentido.

Unidade temática: Geometria.

(EF06MA28) Interpretar, descrever e desenhar plantas baixas simples de residências e vistas aéreas.

Objetos de conhecimento: Plantas baixas e vistas aéreas.

Unidade temática: Grandezas e medidas.

(EM13MAT307) Empregar diferentes métodos para a obtenção da medida da área de uma superfície (reconfigurações, aproximação por cortes etc.) e deduzir expressões de cálculo para aplicá-las em situações reais (como o remanejamento e a distribuição de plantações, entre outros), com ou sem apoio de tecnologias digitais.

Objetos de conhecimento: Áreas de figuras geométricas (Cálculo por decomposição, composição ou aproximação), Expressões algébricas.

Unidade temática: Geometria e Medidas.

Trabalhar com o colega, já que essa atividade deve ser realizada e dupla.



Atividade 4 – Levantamento de estratégias e metodologias diferenciadas

Orientação ao formador(a)

A seguir, uma lista das propostas de atividades e estratégias levantadas na formação (das Diretoria que participaram do projeto-piloto em 2021) e as sugeridas pela Seduc. Algumas foram somente apontadas, devido à sua extensão.

Propostas de atividades

Trilhas – Cartões a serem recortados para relacionar a imagem ao seu respectivo nome (objetos, animais, brinquedos), montar pares de contrários (características, ações), descobrir o invasor (primeira sílaba), sacola de compras (palavras que iniciam com a mesma letra), rimas entre outras.

Produção de Texto: reescrita coletiva, em duplas e individual; carta; Adivinha; Ditado; Listas (mesmo campo semântico); Parlendas; Cruzadinhas; Bilhetes; Recados; Escrita de títulos; Manchete de Jornal; Texto de divulgação científica;

Obs. Também foi apresentada uma proposta de escrita de Diário com foco em aspectos socioemocionais.

Análise textual: Textos bem escritos; Revisão das produções (coletiva, em duplas e individual); textos jornalísticos;

Leitura: Leitura Compartilhada; de poemas; Leitura dramática (fluência leitora); Roda de Leitura; Leitura em voz alta pelo professor; Trabalho com rimas, com legendas e verbetes em fotografias (livros de literatura, jornais); ler vários livros ou textos de um mesmo autor e conversar sobre o estilo do autor.

Oficina de Fake News: Quiz de perguntas e respostas e constatação de conhecimentos leitores com informações que parecem verdadeiras, mas será que são?

Jogos: ortografia e pontuação; de percurso; força; adivinhas; textos de memória.

Contação de histórias.

Produção de *podcast*.

Projeto brincadeiras.

Bichodário.

Blogs, vlogs.

Saraus.

Em detalhe

“Você sabia?” – momento em que se discutem assuntos/temas de interesse das crianças. ‘Como viviam os dinossauros?’ ‘Por que a água do mar é salgada?’ ‘Como as crianças indígenas brincam?’ Cada aluno ou grupo pode se encarregar de tentar descobrir respostas para as perguntas. O professor também pode trazer, para esse momento, suas observações sobre o que mais mobiliza



sua turma, em termos de curiosidade científica. É hora de trazer conteúdos das outras áreas curriculares: História, Geografia, Ciências, Matemática, Educação Física, como objeto de leitura e discussão.

Notícia da hora: momento reservado às notícias que mais chamaram a atenção das crianças na semana. Hora de exercitar o relato oral da criança que, por sua vez, vai aprendendo cada vez mais a relatar oralmente em situações como essas.

Nossa semana foi assim... Momento em que se retoma, de forma sucinta, o trabalho desenvolvido e se auxilia as crianças no relato e na síntese do que aprenderam; em que a memória de um pode/deve ser complementada com a fala do outro; em que o professor faz uma síntese escrita na lousa ou em cópias no papel ou de qualquer outro modo. Enfim, é hora de sistematizar, um pouco mais, as aprendizagens da semana: O que sabíamos? O que aprendemos? O que queremos aprender mais?

'Vamos brincar?' momento em que se 'brinca por brincar', em pequenos grupos, meninas com meninos, só meninas, só meninos, em duplas, em trios, sozinhos. É hora de o professor/a professora garantir a brincadeira, organizando, com as crianças, tempos, espaços e materiais para esse fim. É hora de observar as crianças nesse 'importante fazer'. É hora de registrar essas observações para que possam ajudar o/a professor(a) a planejar outras atividades, a partir de um maior conhecimento sobre a turma, sobre cada criança.

Fazendo arte: momento reservado para as crianças conhecerem um artista específico (músico, poeta, pintor, escultor, etc.): sua obra, sua vida. Pode ser hora ainda de 'fazer à moda de...', em que as crianças realizam releituras de artistas e obras. Pode também ser momento de autoria de cada criança, por meio de sua expressão verbal, plástica, sonora.

Cantando e se encantando – momento em que se privilegiam as músicas que as crianças conhecem e gostam de cantar, sozinhas, todas juntas. É hora também de ouvir músicas de estilos e compositores variados, como forma de ampliação de repertório e gosto musical.

Comunidade, muito prazer! – momento em que se convidam artistas da região ou profissionais especializados (bombeiros, eletricitas, engenheiros, professores, repentistas, contadores de histórias, etc.) para irem à escola e fazerem uma apresentação/palestra/conversa. O evento demanda ação das crianças junto com o/a professor(a): elaborar o cronograma, selecionar as pessoas, fazer o convite, organizar a apresentação da pessoa, avaliar a atividade, etc.

A família também ensina... momento em que se convidam mãe, pai, avô, avó, tio, tia para contar histórias, fazer uma receita culinária, contar como se brincava em sua época, cantar com as crianças. É a família enriquecendo seus laços com a escola e com as crianças. É a família compartilhando seus saberes.

Descobri na Internet – para as crianças que têm acesso em casa ou na comunidade à rede mundial de computadores, é possível reservar um momento para as descobertas que realizam, a partir dessa ferramenta de informação.



Leitura diária feita pelo(a) professor(a) – momento em que se lê para as crianças. É momento de o leitor experiente ajudar a ampliar o repertório dos leitores iniciantes. É possível, por exemplo, ler uma história longa em capítulos, como se liam os folhetins, como se acompanha uma novela na TV, mas também se pode ler histórias curtas, como fábulas, crônicas, etc. Ou ler poemas, com muita expressividade, enfatizando aqueles cuja sonoridade das palavras, cujo jogo verbal são as tônicas da construção poética.

Roda semanal de leitura – com as possibilidades referidas e outras ainda, como, por exemplo, quando as crianças selecionam, de própria escolha, em casa, na biblioteca (de classe, da escola ou da cidade) livros/textos/gibis para ler em dias e horários predeterminados. Podem depois conversar sobre o que leram para seus colegas. São leitores influenciando leitores. São leitores compartilhando leituras.”²

Indicações literárias/filme

Kirikú e a feiticeira – Filme

Marina Colassanti – Mais de 100 histórias maravilhosas

Ligia Bojunga – A casa da madrinha; A bolsa amarela; Retratos de Carolina

Raul Pompeia – Os melhores contos de amor – Tílburi de praça

Stanislaw Ponte Preta – Crônicas

Ana Maria Machado – Procura-se Lobo

Fábulas – Dona Raposa e os peixes

Carlos Drummond de Andrade – Caso de Secretária

Contos de assombração, de mistério, de detetive e ou de esperteza

MATEMÁTICA

Jornada da Matemática.

Projeto Pokémática: Utilizando a ideia do jogo de celulares "Pokémon Go", os estudantes são levados pelos espaços da escola para encontrar QR Codes com esses seres escondidos, mas para libertá-los, deverão resolver situações-problema matemáticas.

Jogo da Anulação: Trazendo o contexto de valores positivos e negativos, os estudantes poderão utilizar cartas do baralho para aprender sobre a antiga organização chinesa de contagem. Jogos de percurso, dominó e da memória, cálculo mental.

Rotação por estações com jogos de perguntas e respostas e com jogos matemáticos, como previsto na *Jornada de Matemática*.

Articular Língua Portuguesa e Matemática: Receita – texto instrucional – trabalho com medidas e sistema monetário (articular LP com Mat.)

Construção de pipas – trabalho com medidas, proporções, sistema monetário

² Estas sugestões constam do documento **Ensino Fundamental de 9 anos** - Orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade (Brasília: SEB/MEC, 2006).



Glossário com o vocabulário matemático

Gráficos com diversos materiais como tampinhas, caixas entre outros

Bosque geométrico com figuras planas

Projeto Mercadinho; Gastronomia.

Quadro numérico.

Fichas sobrepostas.

Régua de frações.

Resolução de problemas

A geometria e as árvores (6º ano) – Bosque geométrico

Indicação de livros:

Malba Tahan – O homem que calculava

Marilyn Burns, Brinque-Book – Espaguete e almôndegas para todos

Eva Furnari, Ed. Moderna – Família Gorgonzola

Com crianças na cozinha

Francisco Silva Junior - Matemática em cordel

Misto

Projeto Caça ao Tesouro: Levando em consideração o deslocamento pela unidade escolar e pelos espaços, os estudantes vão com um mapa da unidade escolar e direção (sul, norte, leste, oeste), respondendo adivinhas e aprendendo elementos históricos sobre o entorno.

Propostas de Ações

Refazer a avaliação diagnóstica/sondagem. A observação do professor deve ser levada em consideração. É importante haver coerência entre os resultados dos instrumentos de avaliação e a observação, ou seja, evidências que contribuam para assegurar que os estudantes sejam reorganizados em níveis adequados para seu desenvolvimento.

Utilizar as ATPC para refletir sobre os resultados e reagrupar os estudantes. Nesse momento todos contribuem com as discussões, ainda que não seja alvo do projeto de recuperação.

Utilizar as ATPC para formação do Aprender Juntos: modelizar a leitura compartilhada.

Agrupar os professores por perfil para atuar em cada nova turma. Nos Anos Finais, formar os professores para atuarem em seus horários com LP e MT.

Propor atividades com base nas aprendizagens atuais dos estudantes, nivelados a cada semana de acordo com o desenvolvimento deles.



Atividade Inicial (manhã)

Local: Auditório

Depoimento da PC de São José dos Campos (foi PC na EE Maria Aparecida Veríssimo) e da Diretora Maria Helena de uma escola-piloto da Diretoria da Sul 2 (EE Marilsa Garbossa).

Palestra Profa. Sílvia Sentelhas (PPT foi enviado pela Subsecretaria) -

Atividades 2 e 3 – nas 6 salas

Atividade 2 – Análise de uma situação problema para que reagrupem os estudantes de acordo com graus de dificuldade.

Obs: todos devem receber uma cópia da situação-problema

Orientação ao formador(a)

É importante que, na realização dessa atividade, os professores percebam que há várias possibilidades de (re)agrupamentos, já que a escola pode priorizar o atendimento a alguns objetos do conhecimento (como o Sistema de Escrita Alfabético, a compreensão leitora, a fluência leitora, a produção textual, o sistema de numeração decimal, a resolução de problemas do campo aditivo e, ou multiplicativo..) Por outro lado, é preciso considerar que a avaliação é um aspecto imprescindível para a formação dos agrupamentos. Da mesma forma, a escolha de atividades e estratégias precisa ser bem cuidadosa, já que se espera que esse dia em que os estudantes sejam reagrupados, elas sejam diferenciadas, lúdicas, envolventes, porém pelas de intencionalidade pedagógica.

Projeto Aprender Juntos
Situação-Problema

A “EE Primavera” oferece como modalidade de ensino os Anos Iniciais e Finais, no período matutino e vespertino, respectivamente. Seu corpo discente, 698 estudantes, está assim distribuído:

Corpo discente da EE Primavera

Turno Matutino Anos Iniciais			Turno Vespertino Anos Finais		
Ano /Série	Turmas	No de alunos	Ano	Turmas	No de alunos
1º	3	102	6º ano	3	87
2º	3	85	7º ano	2	65
3º	3	84	8º ano	2	67
4º	3	87	9º ano	2	62
5º	2	59	-	-	-
Total de alunos AI		417	Total de alunos AF		281



Por meio da sondagem, foram detectados os seguintes dados:

Sondagem das hipóteses de escrita (2º bimestre)					
Turmas	Hipóteses de Escrita³				Alfabético
	Pré-silábica	SSVS	SCVS	SA	
3º ano (3)	3	8	10	15	48
4º ano (3)	2	4	5	13	63
5º ano (2)	1	3	2	5	48
	6	15	17	33	159

No que se refere aos estudantes alfabéticos, das turmas dos 3º, 4º e 5º anos, observou-se, por meio da AAP, do teste de fluência leitora e das avaliações internas, que alguns apresentam dificuldades específicas quanto à fluência leitora, à capacidade de compreensão leitora e à produção textual. São elas:

Dados levantados na AAP de Língua Portuguesa, no teste de fluência leitora e nas avaliações internas	
Ano	Dificuldades detectadas / número de estudantes
3º, 4º e 5º anos	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Produção de texto (69 estudantes produzem textos, porém apresentam dificuldades na ortografia e pontuação); ➤ Produção de texto (90 estudantes produzem textos, porém têm dificuldade de manter a coesão do texto, pois não utilizam de forma proficiente os articuladores textuais); ➤ Leitura – Nível 1 (90 estudantes identificam informações explícitas em um texto e a finalidade de um texto, com ajuda na leitura); ➤ Leitura – Nível 2 (69 estudantes além de identificar informações explícitas em um texto e a finalidade de um texto, conseguem perceber o efeito de sentido produzido em um texto pelo uso intencional de recursos expressivos gráfico-visuais; inferir o efeito de humor produzido, em tira em quadrinhos, com base em sua compreensão global); ➤ Fluência leitora (a maioria dos estudantes do nível 1 de leitura leem somente lista de palavras, silabando); ➤ Fluência leitora (a maioria dos estudantes no nível 2 de leitura já leem textos curtos com certa fluência).

Quanto às turmas dos 6ºs anos, nota-se que as dificuldades mais significativas são em Matemática.

Dados levantados na AAP de Matemática e nas avaliações internas	
Ano	Dificuldades detectadas / número de estudantes
6º ano (3 turmas)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ 30 estudantes não resolvem problemas que envolvem a adição e subtração (Números, operações e funções), não leem e/ou interpretam informações e dados apresentados em gráficos (Tratamento de informação) e não calculam o resultado de uma multiplicação ou divisão de números naturais (números, operações e funções). ➤ 32 estudantes apresentam dificuldades para identificar diferentes representações de

³ SSVS – Silábica com valor sonoro; SCVS – silábica com valor sonoro; SA – silábica-alfabética.



	<p>um mesmo número racional (Números, operações e funções), mas resolvem problemas que envolvem a adição e a subtração.</p> <ul style="list-style-type: none">➤ 25 estudantes têm dificuldades de estabelecer relação entre unidades de medida de tempo (Grandezas e Medidas), mas já resolvem problemas que envolvam as 4 operações.➤ 20 estudantes resolvem problemas que envolvam o cálculo do perímetro de figuras planas (Grandezas e Medidas) e localizam números racionais na reta numérica.
--	--

Assim, considerando o exposto acima, organize agrupamentos, para os anos iniciais e os 6º anos, tendo em vista as possibilidades de (re)organização das turmas, no âmbito do Projeto “Aprender juntos”.

Aposte, para isso, os critérios utilizados para reagrupar os estudantes.

Para finalizar, elenque quais atividades e estratégias privilegiariam, em cada agrupamento.

Atividade 3 – Planejamento da pauta de formação do PCNP, dos gestores das unidades escolares e, se possível, dos professores..



Dois senhores de certa idade passeiam pela margem do Loup, rio da infância deles. Dois irmãos. Meu irmão Bernard e eu. Meio século atrás, eles mergulhavam naquela transparência. Nada-vam entre os peixes, que não se assustavam com as braçadas. A familiaridade dos peixes fazia pensar que aquela felicidade duraria sempre. O rio corria entre as falésias. Quando os dois irmãos o seguiam até o mar, às vezes levados pela correnteza, outras saltando sobre pedras, acontecia de se perderem de vista. Para se encontrarem, tinham aprendido a assobiar entre os dois dedos. Eram longos assobios que repercutiam contra as paredes rochosas.

Hoje, a água baixou, os peixes sumiram, uma espuma turva e estagnada conta a vitória do detergente sobre a natureza. Restam de nossa infância o canto das cigarras e o calor resinoso do sol. Mais ainda, nós sabemos sempre assobiar entre os dedos, nunca nos perdemos de ouvido.

Anuncio a Bernard que estou pensando em escrever um livro relativo à escola. Não sobre a escola que muda, como mudou o nosso rio, mas, no coração dessa desordem incessante, sobre aquilo que não muda, justamente, sobre uma permanência de que nunca se escuta falar: *a dor partilhada do mau aluno, o lerdo, dos pais e dos professores*, a interação desses desgostos de escola.

– Vasto programa... E como é que você vai tratá-lo?

– Questionando você, por exemplo. Que lembranças guarda da minha própria nulidade, vamos dizer... em matemática?

Meu irmão Bernard era o único membro da família capaz de me ajudar no trabalho de casa sem que eu me fechasse como uma ostra. Nós partilhamos o mesmo quarto até minha entrada na sexta série, quando fui posto no internato.

– Em matemática? A coisa começou com a aritmética, você sabe! Um dia eu perguntei o que fazer de uma fração que estava bem na sua frente. Você me respondeu automaticamente: “É preciso reduzir ao denominador comum.” Mas só havia uma fração, então um só denominador, mas você continuava: “Tem de reduzir ao denominador comum!” Como eu insistia: “Pense um pouco, Daniel, aqui há *uma só* fração, então é *um só* denominador”, você soltou, de mau humor: “Foi o professor que disse, é preciso reduzir as frações ao denominador comum!”

E os dois senhores riam, ao longo do passeio. Tudo isso ficou bem longe, para trás. Um deles foi professor durante vinte e cinco anos: dois mil e quinhentos alunos, mais ou menos, entre os quais certo número em “grande dificuldade”, de acordo com a expressão consagrada. E os dois chefes de família. “O professor disse que...”, eles conhecem. A esperança colocada pelo lerdo nessa ladainha, é isso... As palavras do professor não são mais que pedaços de madeira flutuantes a que o mau aluno se agarra num rio em que a corrente o vai levando até as grandes quedas. Ele repete o que o professor disse. Não para que aquilo faça sentido, nem para que a regra se encarne, não, é para saltar fora, momentaneamente, para um “deixe-me”. Ou para um “goste de mim”. A qualquer preço.

– Mais um livro sobre a escola, então? Você não acha que já há bastantes?

– Não sobre a escola! Todo o mundo se ocupa da escola, eterna disputa de antigos e modernos: programas, papel social, finalidades, a escola de ontem, a de amanhã... Não, um livro sobre o lerdo! *Sobre a dor de não entender*, e suas sequelas colaterais.

– ...

– Você sofreu tanto assim?

– ...

– ...

– Você pode me dizer outra coisa sobre o lerdo que eu fui?

– Você se queixava de não ter memória. As lições que eu te ensinava no fim da tarde se evaporavam durante a noite. Na manhã seguinte, você tinha esquecido tudo.

É fato. Eu não copiava, como diz a gente moça de hoje. Eu não aptava nem copiava. As palavras mais simples perdiam sua substância no momento em que me pediam que as olhasse como objeto de conhecimento. Se eu tivesse de aprender uma lição sobre o maciço do Jura, por exemplo (mais que um exemplo, no caso é uma lembrança muito precisa), esta palavrinha de duas sílabas se decompunha rapidamente, até perder qualquer relação com a Franche-Comté, o Ain, a relojoaria, os vinhedos, os cachimbos, a altitude, as vacas, os rigores do inverno, a fronteira suíça, o maciço alpino ou a simples montanha. Ela não representava mais nada. Jura, eu me dizia, Jura? Jura... E eu repetia a palavra, interminavelmente, como uma criança que não para de mastigar, mastigar sem engolir, repetir sem assimilar, até a total decomposição do gosto e do sentido, mastigar, repetir, jura, Jura, jura, jura ju, ra, ju ra ju ra jurajurajura, até a palavra se tornar massa sonora indefinida, sem o menor resquício de sentido, um resmungo de bêbado num cérebro esponjoso... é assim que se dorme numa aula de geografia.

– Você tinha a pretensão de detestar as maiúsculas.

Ah! Terríveis sentinelas, as maiúsculas! Parecia-me que elas se postavam entre os nomes próprios e mim para me impedir de chegar perto. Toda palavra marcada por uma maiúscula estava destinada ao esquecimento instantâneo: cidades, rios, batalhas, heróis, tratados, poetas, galáxias, teoremas, todos proibidos de memória por causa de uma maiúscula paralisante. Alto lá, exclamava a maiúscula, não se atravessa assim a porta dessa palavra, ela é muito *élite*. E a gente se sente indigno, um cretino!

Esclarecimento de Bernard, no caminho:

– Um cretino minúsculo!

Riso dos dois irmãos.

– E depois, de novo, com as línguas estrangeiras, eu não conseguia me livrar da ideia de que elas diziam coisas inteligentes demais para mim.

– O que dispensava você de aprender as listas de vocabulário.

– As palavras em inglês eram tão voláteis quanto os nomes próprios...

– ...

– ...

– Resumindo, você inventava histórias.

– É, mas é assim com os lerdos, eles inventam, em série, a história de suas falhas: sou nulo, não vou conseguir nunca, nem vale a pena tentar, estou perdido mesmo, eu tinha dito, a escola não foi feita para mim... A escola lhes parece um clube muito fechado no qual eles se proíbem de entrar. Com a ajuda de alguns professores, às vezes.

– ...

– ...

Dois senhores de certa idade passeiam ao longo de um rio. No fim do passeio, eles param junto a um espelho de água, cercado de plantas e pedras roladas.

Bernard pergunta:

– Você continua bom no rebote?

Anexo 2 - Ensinando a ler, enquanto se lê: a leitura colaborativa⁴

É muito comum, quando perguntamos que atitude é mais adequada para se tomar quando um aluno não compreendeu um texto, ouvirmos como resposta que a melhor orientação a ser dada é para que o aluno realize nova leitura, mais cuidadosa, que isso possibilitará a compreensão. E aí nos deparamos com os alunos lendo, reiteradas vezes, um mesmo texto e, no fim desse exaustivo exercício, a constatação é a mesma: não foi possível compreender bem o que leu.

Nesse momento, são inevitáveis atitudes de desânimo com relação às possibilidades de aprendizagem desse aluno, assim como de acomodação numa suposta proficiência que está fadada a não se ampliar ou, até mesmo, a não se constituir.

Para sair desse “pseudo” impasse, é preciso compreender que a leitura individual é realizada a partir dos conhecimentos já constituídos pelos alunos, das aprendizagens já realizadas.

⁴ Este texto é parte (pp. 98-104) do documento Língua Portuguesa: orientações para o professor, Saeb/Prova Brasil, 4ª série/5º ano, ensino fundamental, publicado pelo INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Brasília), em 2009.



Se, utilizando sua competência autônoma, ele não conseguiu compreender o texto, de nada adianta imaginar que a repetição solitária dos mesmos procedimentos de leitura ampliará, aprofundará, ou possibilitará a constituição de uma proficiência que ainda não existe. A alteração da competência do sujeito – ou seja, a aprendizagem – acontece, fundamentalmente, em colaboração com o outro.

Além disso, sabe-se que a leitura proficiente supõe a mobilização de determinados procedimentos e habilidades, sustentados nas pistas que tanto o conhecimento prévio do aluno quanto o próprio texto oferecem.

Nessa perspectiva, é preciso realizar a leitura em colaboração com o aluno, tematizando tanto os procedimentos quanto as habilidades de leitura implicados no processo de compreensão do texto.

A modalidade didática que possibilita esse trabalho com mais eficiência é a leitura colaborativa – ou leitura compartilhada. Por meio dessa atividade, realizada coletivamente, o professor, em conjunto com a classe, vai problematizando o texto apresentando questões que levem os alunos a mobilizarem as habilidades de leitura em foco, diagnosticadas como necessidades de aprendizagem em momentos anteriores.

Para tanto, o professor organiza uma pauta de leitura, que preveja:

a) a seleção de um texto de boa qualidade

- ✓ cujo tema seja do interesse dos alunos;
- ✓ de complexidade adequada para o trabalho em colaboração;
- ✓ organizado em um gênero que corresponda às expectativas de aprendizagem da escola;

b) a seleção de um texto que permita o trabalho com as habilidades de leitura que precisam ser focalizadas, considerando-se as necessidades de aprendizagem dos alunos. Nem todo texto permite um bom trabalho com qualquer habilidade de leitura; há os que são mais adequados para o trabalho com determinado tipo: com inferências, por exemplo, as piadas e anedotas; há textos que se prestam mais ao trabalho com o estabelecimento de relações entre linguagem verbal e linguagem não verbal, como por exemplo, as reportagens, que se articulam aos infográficos, esquemas e outras imagens, ou os artigos expositivos de divulgação científica, que são constituídos também por esquemas, tabelas, entre outros recursos não verbais;

c) o levantamento de questões adequadas para o trabalho pretendido, localizando-as no texto que será lido e procurando antecipar as possíveis respostas, de tal forma que seja possível avaliar a adequação das mesmas para o trabalho pretendido.

Essas questões – dependendo das habilidades que se pretende tematizar – podem ser apresentadas:

a) Antes de se iniciar a leitura, ocasião em que se deve tematizar a ativação de repertório acerca do tema, gênero, autor e sua obra (temas recorrentes, contexto geral de produção, eventuais posições ideológicas, por exemplo), editora e sua produção, de tal forma que esses



conhecimentos possibilitem ao leitor uma maior fluência semântica por meio da realização de antecipações a respeito de: a) o que poderá estar dito no texto; b) de que maneira estará dito (tipo de linguagem – variedade e registro; organização interna do texto; argumentos possíveis de serem utilizados pelo autor, quando se tratar de texto organizado em gênero da ordem do argumentar, entre outros aspectos); c) qual o possível contexto de produção do texto, entre outros aspectos. Nesse momento, deve-se recorrer a todas as informações linguísticas disponíveis, inclusive, por exemplo, título do texto, fonte (quando apresentada).

b) Durante a realização da leitura paulatina do texto, de modo a tentar provocar, nos alunos, a mobilização das habilidades de leitura em foco, na tentativa de recuperar os sentidos do texto. Nesse momento, é imprescindível que se leve em conta a necessidade de solicitar dos alunos a sustentação das respostas oferecidas ou nas marcas e recursos linguísticos presentes no texto, ou nos conhecimentos prévios do mesmo. É essa explicitação que irá “ensinando” aos alunos como ler: a explicitação dos procedimentos e estratégias utilizados pelos diferentes sujeitos.

c) Depois da realização da leitura integral do texto, em especial quando se pretender o trabalho com a verificação de hipóteses levantadas. Para tanto, deve-se buscar: a identificação de valores veiculados no texto (morais, éticos, estéticos, afetivos); o estabelecimento de relações intertextuais ou interdiscursivas entre o texto lido e outros; o posicionamento do leitor diante do que foi apresentado no texto.

Anexo 3 - Sobre as atividades permanentes de alfabetização⁵

Atividades permanentes são situações didáticas cujo objetivo é constituir atitudes, desenvolver hábitos e procedimentos, favorecer a familiaridade e/ou a reflexão sobre um tipo de conteúdo etc. Pressupõe um trabalho regular – de periodicidade semanal, quinzenal, diária... – que acontece de forma sistemática e previsível durante o tempo necessário para que o objetivo pretendido seja alcançado. Como a característica principal dessas atividades é a regularidade, elas são privilegiadas para o contato intenso com um determinado conteúdo, daí a sua importância no período da alfabetização.

Seguem inicialmente algumas sugestões que não são específicas para alfabetizar.

*“**Você sabia?**” – momento em que se discutem assuntos/temas de interesse das crianças. ‘Como viviam os dinossauros?’ ‘Por que a água do mar é salgada?’ ‘Como as crianças indígenas brincam?’. Cada aluno ou grupo pode se encarregar de tentar descobrir respostas para as perguntas. O professor também pode trazer, para esse momento, suas observações sobre o que mais mobiliza sua turma, em termos de curiosidade científica. É hora de trazer conteúdos das outras áreas curriculares: História, Geografia, Ciências, Matemática, Educação Física, como objeto de leitura e discussão.*

***Notícia da hora:** momento reservado às notícias que mais chamaram a atenção das crianças na semana. Hora de exercitar o relato oral da criança que, por sua vez, vai aprendendo cada vez mais a relatar oralmente em situações como essas.*

⁵ Material organizado por Rosaura Soligo e Rosângela Veliago com contribuições de Rosa Maria Antunes de Barros.



Nossa semana foi assim... Momento em que se retoma, de forma sucinta, o trabalho desenvolvido e se auxilia as crianças no relato e na síntese do que aprenderam; em que a memória de um pode/deve ser complementada com a fala do outro; em que o professor faz uma síntese escrita na lousa ou em cópias no papel ou de qualquer outro modo. Enfim, é hora de sistematizar, um pouco mais, as aprendizagens da semana: O que sabíamos? O que aprendemos? O que queremos aprender mais?

'Vamos brincar?' momento em que se 'brinca por brincar', em pequenos grupos, meninas com meninos, só meninas, só meninos, em duplas, em trios, sozinhos. É hora de o professor/a professora garantir a brincadeira, organizando, com as crianças, tempos, espaços e materiais para esse fim. É hora de observar as crianças nesse 'importante fazer'. É hora de registrar essas observações para que possam ajudar o/a professor(a) a planejar outras atividades, a partir de um maior conhecimento sobre a turma, sobre cada criança.

Fazendo arte: momento reservado para as crianças conhecerem um artista específico (músico, poeta, pintor, escultor, etc.): sua obra, sua vida. Pode ser hora ainda de 'fazer à moda de...'; em que as crianças realizam releituras de artistas e obras. Pode também ser momento de autoria de cada criança, por meio de sua expressão verbal, plástica, sonora.

Cantando e se encantando – momento em que se privilegiam as músicas que as crianças conhecem e gostam de cantar, sozinhas, todas juntas. É hora também de ouvir músicas de estilos e compositores variados, como forma de ampliação de repertório e gosto musical.

Comunidade, muito prazer! – momento em que se convidam artistas da região ou profissionais especializados (bombeiros, eletricitas, engenheiros, professores, repentistas, contadores de histórias, etc.) para irem à escola e fazerem uma apresentação/palestra/conversa. O evento demanda ação das crianças junto com o/a professor(a): elaborar o cronograma, selecionar as pessoas, fazer o convite, organizar a apresentação da pessoa, avaliar a atividade, etc.

A família também ensina... momento em que se convidam mãe, pai, avô, avó, tio, tia para contar histórias, fazer uma receita culinária, contar como se brincava em sua época, cantar com as crianças. É a família enriquecendo seus laços com a escola e com as crianças. É a família compartilhando seus saberes.

Descobri na Internet – para as crianças que têm acesso em casa ou na comunidade à rede mundial de computadores, é possível reservar um momento para as descobertas que realizam, a partir dessa ferramenta de informação.

Leitura diária feita pelo(a) professor(a) – momento em que se lê para as crianças. É momento de o leitor experiente ajudar a ampliar o repertório dos leitores iniciantes. É possível, por exemplo, ler uma história longa em capítulos, como se liam os folhetins, como se acompanha uma novela na TV, mas também se pode ler histórias curtas, como fábulas, crônicas, etc. Ou ler poemas, com muita expressividade, enfatizando aqueles cuja sonoridade das palavras, cujo jogo verbal são as tônicas da construção poética.

Roda semanal de leitura – com as possibilidades referidas e outras ainda, como, por exemplo, quando as crianças selecionam, de própria escolha, em casa, na biblioteca (de classe, da escola ou da cidade) livros/textos/gibis para ler em dias e horários predeterminados. Podem depois conversar sobre o que leram para seus colegas. São leitores influenciando leitores. São leitores partilhando leituras.⁶

Atividades permanentes de alfabetização⁷

⁶ Estas sugestões constam do documento **Ensino Fundamental de 9 anos** - Orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade (Brasília: SEB/MEC, 2006).

⁷ Os tipos de atividade aqui sugeridos fazem sentido apenas quando a concepção de alfabetização coincide com a que é proposta nos Cadernos 1 e 2: descontextualizadas, elas podem ser pouco úteis ou mesmo de difícil operacionalização.



As atividades permanentes de alfabetização são situações de ensino e aprendizagem a serem propostas diariamente às crianças, até que elas se alfabetizem. São atividades orientadas pelo princípio metodológico da resolução de problemas, pelo propósito de favorecer a compreensão das regras de geração da escrita alfabética e pelo entendimento de que a alfabetização é resultado de um exercício permanente de análise e reflexão sobre a língua.

O princípio metodológico da resolução de problemas pressupõe que essas atividades sejam sempre situações desafiadoras, ou seja, ao mesmo tempo difíceis e possíveis de fazer. Para tanto, em se tratando da alfabetização, é condição o professor conhecer as hipóteses de escrita das crianças, para adequar a tarefa ao que elas podem realizar e para agrupá-las de modo que possam trabalhar produtivamente, aprendendo umas com as outras, ajudando-se umas as outras, questionando-se...

Uma atividade desse tipo é uma situação de aprendizagem de fato quando⁸:

- as crianças precisam pôr em jogo tudo o que sabem e pensam sobre o conteúdo em torno do qual o professor organizou a tarefa;
- as crianças têm problemas a resolver e decisões a tomar em função do que se propõem a produzir;
- o conteúdo trabalhado mantém suas características de objeto sociocultural real sem transformar-se em objeto escolar vazio de significado social;
- a organização da tarefa pelo professor garante a máxima circulação de informação possível.

Sempre que possível, as atividades permanentes de alfabetização devem ser articuladas a outras propostas de trabalho e/ou situações cotidianas vivenciadas pelas crianças. Como por exemplo:

Objetivo (Capacidades de uso da linguagem)	Conteúdos (O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam)	Propostas de atividade (Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos)
Produzir uma escrita alfabética ou que dela se aproxime.	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Uso progressivo, para ler e escrever: <ul style="list-style-type: none"> - de diferentes estratégias de leitura - do conhecimento sobre como funciona o sistema alfabético de escrita - do conhecimento sobre a separação entre as palavras. ◦ Escrita de texto conhecido levando em conta o gênero e o contexto de produção, de acordo com sua hipótese de 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Situações de leitura para refletir sobre o funcionamento do sistema alfabético, como por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> - Ordenação de textos que sabe de cor - Cruzadinhas acompanhadas de uma lista de palavras para consulta - Adivinhas acompanhadas de lista de palavras com as respostas - Ditado cantado (encontrar palavras definidas pelo professor em textos poéticos e narrativos) - Listas compostas por palavras de um mesmo campo semântico (frutas, brincadeiras, títulos de histórias etc.) onde as crianças precisem encontrar a palavra solicitada pelo professor - Pareamento entre trechos de histórias e seu título. ◦ Situações de leitura e escrita que envolvam palavras estáveis – como nomes próprios, por exemplo. ◦ Situações de escrita para refletir sobre o funcionamento do sistema alfabético, como por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> - Escrita de textos que sabe de cor - Reescrita de textos ou partes deles (individual

⁸ Tal como formulou Telma Weisz e como se divulgou amplamente no Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (SEF/MEC, 2001).



	<p>escrita.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Reescrita de texto conhecido, levando em conta o gênero e seu contexto de produção, ditando-o ao professor ou escrevendo de acordo com a hipótese de escrita. 	<p>ou em dupla)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escrita de uma adivinha a partir das respostas - Escrita de listas de palavras de um mesmo campo semântico (nomes das crianças, brincadeiras, brinquedos, animais, frutas, material escolar, partes do corpo, compras a serem feitas etc), de preferência a partir de outras propostas realizadas ou de acontecimentos do cotidiano - Escrita em dupla de bilhetes, recados, avisos - Preenchimento de cruzadinha sem a relação de palavras (quando as crianças já apresentam escritas silábico-alfabéticas) - Escrita de títulos de histórias a partir de trechos lidos pelo professor.
--	---	--

Como se pode ver, as atividades da terceira coluna do quadro acima são todas de ‘ler sem saber ler’ e de ‘escrever sem saber escrever convencionalmente’. Nesse caso, a criança precisa pôr em uso diferentes (e complexos) procedimentos de análise e reflexão sobre a escrita:

- Para poder ler textos quando ainda não sabe ler convencionalmente, é necessário que utilize o conhecimento de que dispõe sobre a escrita e ter informações parciais acerca do conteúdo do texto, podendo assim fazer suposições a respeito do que pode estar escrito.
- Para poder escrever textos quando ainda não se sabe escrever, é preciso que escolha quantas e quais letras vai utilizar – e, se a proposta for trabalhar junto com um colega que faz outras opções de uso das letras, refletir a respeito de escolhas diferentes para as mesmas necessidades.
- Para poder interpretar a própria escrita quando ainda não sabe ler e escrever, é preciso justificar as escolhas feitas, para si mesma e para os outros, com todas as explicações que isso demanda: por que sobram letras, ou por que elas parecem estar fora de ordem, por que parece estar escrito errado conforme seu próprio critério etc.

Segue abaixo alguns tipos de propostas destinadas às crianças que ainda não compreenderam como funciona a escrita alfabética, ou seja, que não compreenderam a correspondência letra-fonema.

“Quando as crianças ainda não estabelecem relação entre fala e escrita é fundamental criar situações de aprendizagem para que:

- Assistam muitos atos de leitura em que é mostrado onde está escrito o que se lê;
- ‘leiam’ textos cujo conteúdo sabem de cor, recebendo previamente a informação de qual texto é, para que possam tentar ajustar o que sabem que está escrito com a própria escrita;
- Escrevam pequenos textos (que lhes façam sentido) e ‘leiam’ suas escritas para o professor, justificando suas escolhas;
- Trabalhem com colegas que já compreenderam que há relação entre fala e escrita, mas que ainda não estejam alfabetizados;



- Realizem atividades com o próprio nome e com os nomes de pessoas que gostem.

Quando já estabeleceram relação entre fala e escrita, mas ainda não compreenderam a natureza da correspondência letra-som, é fundamental planejar situações de aprendizagem em que, além de procedimentos semelhantes aos descritos acima, as crianças:

- ‘leiam’ textos fazendo uso de outras estratégias de leitura além da decodificação (ou seja, estratégias de antecipação, inferência, seleção, verificação);
- Sejam desafiadas a pensar no valor sonoro convencional das letras;
- Interajam com colegas que dão soluções diferentes para os desafios colocados pelas atividades – por exemplo, quem que já tem algum conhecimento do valor sonoro convencional das letras trabalhando com quem que ainda não tem.

E, **quando compreenderam muito recentemente a escrita alfabética**, é fundamental planejar situações de aprendizagem para que as crianças:

- Leiam muitos textos de conteúdo parcialmente conhecido, de forma a se sentirem seguras para ler cada vez mais;
- Realizem atividades que coloquem em questão a divisão do texto em palavras e a ortografia;
- **Trabalhem com colegas que já considerem a divisão do texto em palavras e a ortografia.”**

Assim, o trabalho com atividades permanentes de alfabetização deve começar pela familiarização das crianças em relação aos procedimentos necessários para ‘ler sem saber ler’ e ‘escrever sem saber escrever’. É fazendo esse tipo de atividade que elas vão compreendendo como é possível proceder... De início, com ajuda do professor, depois, com os colegas e depois sozinha. É isso o que tem sido chamado de delegação progressiva de responsabilidade: à medida que as crianças vão se familiarizando com uma tarefa que não lhes é ainda conhecida, o professor vai passando da posição central para a de monitor – quando eles assumem a gradualmente responsabilidade de execução da tarefa.

Detalhando alguns tipos de atividades

ATIVIDADE	O QUE O PROFESSOR PRECISA FAZER	O QUE AS CRIANÇAS PRECISAM SABER	O QUE AS CRIANÇAS PRECISAM FAZER
Leitura de listas	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Agrupar as crianças ajustando o nível de desafio às suas possibilidades, para que tenham problemas a resolver (ver o quadro abaixo Considerando o conhecimento das crianças). ◦ Apresentar a lista dizendo do que ela é. ◦ Propor a tarefa às crianças. ◦ Solicitar que elas 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ O conteúdo das listas. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Ouvir o que pede o professor. ◦ Ler na lista o que foi solicitado pelo professor. ◦ Discutir com o colega para encontrar a palavra/título/frase solicitada. ◦ Compartilhar com os colegas as respostas encontradas.



	socializem as respostas dizendo como foram encontradas.		
Ordenação de textos (músicas, parlendas, poesias e outros textos poéticos)	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Agrupar as crianças ajustando o nível de desafio às suas possibilidades, para que tenham problemas a resolver (ver o quadro abaixo). ◦ Informar qual é o texto que será ordenado, solicitando que a classe fale-o em uníssono. ◦ Ler a tarefa para as crianças. ◦ Solicitar que ao final da atividade elas socializem as respostas dizendo como foram encontradas. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Saber o texto de memória. <p style="text-align: center;">→</p> <p>Importante: Para realizar essas atividades os alunos devem saber o texto de memória, mas não precisam conhecer a escrita do texto. Se o texto fizer parte de algum material escrito (livro, cartaz, caderno de leitura...) utilizado pela classe, ele não deverá ser consultado quando da realização da atividade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Ouvir o que pede o professor. ◦ Discutir com o colega para encontrar o verso ou palavra. ◦ Ordenar o texto. ◦ Compartilhar com a classe a ordenação. <p>VARIAÇÃO PARA ALUNOS COM ESCRITA ALFABÉTICA E SILÁBICO-ALFABÉTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Entregar para as crianças só as letras móveis necessárias para escrever a música, poesia ou parlenda informando que eles estão recebendo todas as letras necessárias para escrever o texto (se for curto) ou determinado trecho (se o texto for longo) e que não deve sobrar (e nem faltar) nenhuma letra <p style="text-align: center;">OU</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Solicitar que escrevam o texto.
Leitura de respostas a adivinhas	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Agrupar as crianças ajustando o nível de desafio às suas possibilidades, para que tenham problemas a resolver (ver o quadro abaixo). ◦ Ler a adivinha para as crianças. ◦ Propor a tarefa. ◦ Solicitar que as crianças socializem as respostas dizendo como foram encontradas. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ A resposta da adivinha. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Ouvir a leitura feita pelo professor. ◦ Ler o que foi solicitado pelo professor. ◦ Discutir com o colega para encontrar a resposta da adivinha. ◦ Compartilhar com os colegas as respostas encontradas. <p style="text-align: center;">VARIAÇÕES PARA ALUNOS COM ESCRITA ALFABÉTICA OU SILÁBICO-ALFABÉTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Propor que as crianças leiam a adivinha e encontrem a resposta <p style="text-align: center;">OU</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Pedir que leiam a adivinha e escrevam a resposta.
Leitura de palavras de uma lista para preencher uma cruzadinha	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Agrupar as crianças ajustando o nível de desafio às suas possibilidades, para que tenham problemas a resolver (ver o quadro abaixo). ◦ Propor a tarefa. ◦ Solicitar que as crianças socializem as respostas dizendo como foram 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Que devem encontrar a palavra correta na lista dentre várias de mesma quantidade de letras (algumas que, inclusive, começam e terminam igual). 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Contar o número de quadradinhos correspondente à figura escolhida para iniciar (assim saberá quantas letras tem a palavra a ser procurada). ◦ Ler as palavras para encontrar o nome equivalente à figura. ◦ Discutir com o colega



	encontradas.		<p>para encontrar o nome procurado.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Copiar a palavra que se julga a correta. ◦ Compartilhar com os colegas as respostas encontradas. <p style="text-align: center;">VARIAÇÕES PARA ALUNOS COM ESCRITA ALFABÉTICA OU SILÁBICO-ALFABÉTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Distribuir uma folha com a mesma cruzadinha, mas sem a lista de palavras. ◦ Propor que as crianças preencham a cruzadinha como se faz palavras cruzadas habitualmente.
--	--------------	--	---

CONSIDERANDO O CONHECIMENTO DAS CRIANÇAS

Crianças não-alfabetizadas:

- As crianças com escrita silábica, que já fazem uso do conhecimento sobre o valor sonoro convencional das letras, podem ser agrupadas com crianças de escrita silábica que fazem pouco uso desse conhecimento ou que desconhecem o valor sonoro ou com crianças de escrita pré-silábica.
- É fundamental que as crianças com escrita pré-silábica não sejam agrupadas entre si para realizarem esse tipo de atividades de leitura: para elas, é importante a interação com quem já sabe que a escrita representa a fala, o que elas ainda não descobriram.

Crianças de escrita silábico-alfabética ou alfabética:

- As atividades podem ser transformadas em atividade de escrita: nesse caso, a tarefa é escrever as palavras e não lê-las.

Acima, há apenas alguns tipos de atividade, todos de leitura. Optamos por detalhar um pouco mais as atividades de leitura porque as de escrita em geral são mais familiares de todos.

As atividades permanentes de alfabetização não variam muito, pois o mais importante nesse caso não é a novidade, mas sim a possibilidade de mobilizar os procedimentos que podem fazer com que as crianças analisem o funcionamento da escrita alfabética. De qualquer modo, segue abaixo uma relação de variações (não só para as atividades de alfabetização), que podem sugerir idéias de como introduzir mudanças nas propostas.

As variações são possíveis em relação a:

- *material (lápis, caneta...), instrumento (à mão, à máquina, no computador...) ou suporte (em papel comum ou especial, na lousa, com letras móveis...);*
- *tipo de atividade: escutar, ler, escrever, recitar, ditar, copiar etc.;*
- *unidade lingüística (palavra, frase, texto);*
- *gênero de texto;*
- *modalidade (oralmente ou por escrito);*
- *tipo de registro ou de instrumento utilizado (com ou sem gravador, com ou sem vídeo ou por escrito);*
- *conteúdo temático (sobre o quê);*
- *estratégia didática (com ou sem preparação prévia, com ou sem ajuda do professor, com ou sem consulta...);*
- *duração (mais curta, mais longa...) e freqüência (pela primeira vez, freqüentemente...);*
- *tamanho e tipo de letra;*



- *circunstância, destino e objetivo (quem, onde, quando, de que modo, a quem, para que... etc.);*
- *tipo de agrupamento (individual, em dupla, em grupos maiores);*
- *com ou sem algum tipo de restrição explícita (sem erros, com pontuação, com letra bonita, com separação entre palavras, etc.).*⁹

Uma atividade se transforma em outra se, por exemplo, de individual passa a ser em dupla ou é realizada com toda a classe – e vice-versa. O mesmo ocorre se for feita com ajuda ou sem ajuda, com ou sem consulta, com ou sem rascunho, de uma só vez ou em duas ou mais vezes, no caderno ou em papel especial para ser exposto num mural, com letras móveis, com cartões, na lousa, no computador ou escrito a lápis...

Anexo 4 - LER E CONTAR HISTÓRIAS

	LER	CONTAR
CARACTERÍSTICA PRINCIPAL	A história é apresentada preservando as palavras escolhidas pelo autor. O leitor deve se manter fiel ao que está escrito.	A trama sempre sofre pequenas modificações, já que o contador tem a liberdade para improvisar e agregar elementos a ela. Ele nunca conta uma história da mesma forma.
OBJETIVO	Desenvolver o comportamento leitor das crianças. Elas conhecem o portador e seus elementos (texto e imagens), aprendem a emitir opiniões sobre a história, falando ao grupo se gostaram do que foi lido e porquê, e a conhecer o ponto de vista dos colegas.	Ampliar o repertório da cultura oral, que se perpetua na forma e sofre mudanças de conteúdo de geração em geração.
PREPARAÇÃO	Selecione e leia os livros pensando na qualidade literária e na adequação à faixa etária da turma.	Conheça bem a história e seus personagens, já que ela será contada sem o auxílio de um portador de texto. Analise se intervenções com música, fantoches e outros recursos podem enriquecer o momento. Se sim, providencie o material.

⁹ Texto adaptado a partir do item *Quinze possíveis variações: instruções de uso*, In *Aprendendo a escrever*, de Ana Teberosky, Editora Ática, 1997.



<p>ORGANIZAÇÃO DA TURMA</p>	<p>Coloque o grupo sentado próximo a você, de modo que todos possam ouvir a leitura e visualizar as ilustrações do livro. Se houver diversos exemplares do mesmo título, sugira que a turma acompanhe a atividade em duplas.</p>	<p>Peça que as crianças se acomodem em torno de você para ouvir a contação com clareza.</p>
<p>INÍCIO DA ATIVIDADE</p>	<p>Apresente ao grupo o título do livro, o autor e o ilustrador. Explique o porquê da escolha e antecipe possíveis dúvidas. Se, por exemplo, os personagens moram no polo Norte, fale um pouco sobre o local. Lembre que é importante todos se manterem em silêncio até o fim da leitura e que perguntas serão respondidas depois. Faça referências ao suporte livro, um bem cultural que guarda a história.</p>	<p>Faça uma introdução rápida do enredo e fale sobre a opção de contar aquela história especificamente. Antecipe possíveis dúvidas. Informe que é importante o grupo se manter em silêncio para ouvir a contação. As perguntas devem ser respondidas somente no término da atividade.</p>
<p>CUIDADOS</p>	<p>Durante a leitura, seja fiel ao texto. Não substitua palavras ou faça interrupções na narrativa. Mude o tom da voz de acordo com os personagens e o desenrolar da trama.</p>	<p>Conte a história preservando os detalhes. Cuide da postura corporal para que os movimentos enriqueçam a contação. Fique atento à impostação de voz, respeitando o desenrolar da trama e as características dos personagens.</p>
<p>O QUE FAZER DEPOIS</p>	<p>Convide a turma para comentar a história e as ilustrações e abra espaço para perguntas - se necessário, releia trechos. Ofereça o livro aos pequenos para que eles o manuseiem e analisem como o</p>	<p>Sugira às crianças que apresentem suas opiniões sobre a trama que foi contada e a forma como a narração foi feita.</p>



	visual ajuda a contar o enredo.	
--	---------------------------------	--

https://youtu.be/e7A4Ec_ictk

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Língua Portuguesa**: orientações para o professor, Saeb/Prova Brasil, 4ª série/5º ano, ensino fundamental. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2009. Disponível em <<https://www.todospelaeducacao.org.br//arquivos/biblioteca/331c34b5-c27c-44b2-a676-cd624490cce7.pdf>>. Acesso em 01 de jan. 2018.

ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS ORIENTAÇÕES PARA A INCLUSÃO DA CRIANÇA DE SEIS ANOS DE IDADE. Org. Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 135 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf> Acesso em: 24 de set. 2021.

LERNER, Délia. "É possível ler na escola". Artigo publicado originalmente na revista Lectura y Vida, ano 17, nº 1, mar. 1996. Tradução para o português de Daniel Revah, Maíra. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profa/col_2.pdf Acesso em: 24.09.2021.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES. **Coletânea de Textos**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/colet_m1.pdf Acesso em: 24 de set. 2021.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. "A organização dos alunos para as situações de recuperação das aprendizagens: uma conversa sobre agrupamentos produtivos em sala de aula Disponível em: <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Portals/183/repositorios/biblioteca/Agrupamentos%20produtivos.pdf> Acesso em: 24.09.2021.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Ler e Escrever**: Livro Texto do Aluno. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Claudia Rosenberg Arantagy. 7ª ed. São Paulo: FDE., 2013.

